



29ª Convenção Interiorana de Enfermagem
14ª Semana de Enfermagem da Universidade do Vale do
Acará (UVA)
1º Seminário Gestão e Liderança em Enfermagem
Hospitalar

RACISMO COTIDIANO E SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE DE SIMILITUDE

Antônia Tália Santos De Sousa¹

Eliany Nazaré Oliveira²

Pedro Lucas Alves³

Maria Beatriz da Silva Cunha⁴

Celiane Brito Rodrigues⁵

1. Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-
UVA, Sobral, Ceará. Brasil. Apresentador(a).

2. Docente no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú
- UVA. Sobral, Ceará. Brasil.

3. Enfermeiro Mestrando em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará
em associação com a Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará. Brasil.

4. Enfermeira Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará
em associação com a Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará. Brasil

5. Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-
UVA, Sobral, Ceará. Brasil.

INTRODUÇÃO: O racismo estrutural configura-se como um fenômeno historicamente constituído que atravessa diferentes esferas sociais, incluindo o ensino superior, manifestando-se tanto por meio de agressões explícitas quanto por formas sutis e naturalizadas, como as microagressões¹. No contexto brasileiro, suas raízes remontam ao período escravocrata e ao pós-abolição, marcado pela ausência de políticas efetivas de inclusão da população negra, o que contribuiu para a consolidação e perpetuação de desigualdades raciais persistentes. Ao

longo do tempo, essas desigualdades foram socialmente naturalizadas e institucionalizadas, repercutindo no acesso desigual à educação, na permanência acadêmica e na produção de hierarquias raciais. Nesse cenário, embora políticas de ações afirmativas, como a Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas), tenham ampliado o acesso de estudantes negros às universidades², ainda se observam dinâmicas estruturais e relacionais de exclusão que impactam não apenas os percursos acadêmicos, mas também o sentimento de pertencimento e reconhecimento desses sujeitos no espaço universitário³. As experiências de discriminação racial, portanto, não se restringem a eventos isolados, mas constituem vivências recorrentes que atravessam o cotidiano acadêmico, influenciando a construção identitária, as relações interpessoais e o bem-estar psicológico. Diante disso, a análise dos discursos desses estudantes, especialmente por meio de abordagens lexicais, como a análise de similitude, possibilita apreender a organização estrutural das narrativas e as conexões entre os elementos que compõem essas experiências. Fundamentada na identificação de padrões de coocorrência entre termos, essa técnica permite evidenciar como o racismo se articula a dimensões emocionais, contextuais e relacionais, revelando não apenas a frequência dos fenômenos, mas também a forma como são significados no cotidiano. Assim, a compreensão dessas inter-relações contribui para uma leitura mais aprofundada e integrada do fenômeno, ao explicitar como as experiências de discriminação racial repercutem na saúde mental e nas estratégias de enfrentamento mobilizadas pelos estudantes no contexto universitário. **OBJETIVO:** Analisar, por meio da análise de similitude, as experiências de discriminação racial vivenciadas por estudantes do ensino superior e seus impactos na saúde mental. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo qualitativo, recorte da segunda fase da pesquisa intitulada “Discriminação racial e saúde mental nas universidades”, financiada pelo Edital nº 04/2022 da FUNCAP (Programa BPI). A investigação foi realizada entre janeiro e setembro de 2024, em cinco instituições de ensino superior do Ceará: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Faculdade Luciano Feijão (FLF), Universidade Federal do Ceará (UFC), Faculdade IEDucare (FIED) e Faculdade 5 de Julho (F5), selecionadas pela diversidade de perfis socioeducacionais. A primeira fase do estudo, de natureza quantitativa, possibilitou identificar que 235 estudantes relataram duas ou mais experiências de discriminação racial, mensuradas por meio da Escala de Experiências de Discriminação (EED). A partir desse grupo, foi realizado convite para participação na segunda etapa, de abordagem qualitativa, sendo conduzidas entrevistas semiestruturadas com os participantes que aceitaram integrar o estudo, totalizando 37 estudantes autodeclarados pretos ou pardos. As entrevistas foram realizadas remotamente, gravadas mediante consentimento e

transcritas na íntegra, constituindo o corpus textual. A análise foi conduzida com auxílio do software IRAMUTEQ, utilizando a técnica de análise de similitude, que se fundamenta na Teoria dos Grafos e permite identificar a estrutura das relações entre palavras, evidenciando conexões, centralidade e organização dos discursos. O processamento envolveu etapas de preparação do corpus, lematização e construção dos grafos de similitude. Para aprofundamento interpretativo, os achados foram articulados com análise de conteúdo. A confiabilidade analítica foi assegurada por revisão independente das transcrições por dois pesquisadores. O estudo foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 6.279.258), conforme a Resolução nº 466/12. **RESULTADOS:** A análise de similitude, fundamentada na Teoria dos Grafos, possibilitou identificar a estrutura relacional do corpus textual, evidenciando padrões de coocorrência e conexões entre os termos que organizam os discursos dos participantes. Observou-se a formação de três núcleos centrais — “situação” (86 ocorrências), “discriminação racial” (96 ocorrências) e “saúde mental” (95 ocorrências) — que estruturam as experiências relatadas e orientam a dinâmica discursiva. O termo “situação” configurou-se como principal eixo organizador, estabelecendo conexões significativas com palavras como “racismo”, “sentir” e “enfrentamento”. Essa centralidade indica que o racismo é apreendido pelos estudantes a partir de experiências concretas e recorrentes no cotidiano, nas quais se articulam percepções, respostas emocionais e estratégias de manejo. A forte associação com o termo “sentir” evidencia que tais vivências são acompanhadas por marcadores afetivos intensos, revelando que o racismo ultrapassa a dimensão objetiva dos eventos e se inscreve profundamente na subjetividade dos indivíduos. Já a conexão com “enfrentamento” aponta para a mobilização contínua de estratégias, que variam desde o diálogo e a busca por apoio até posturas de evitação ou silenciamento, demonstrando a complexidade das respostas diante dessas situações. O núcleo “discriminação racial” apresentou caráter recorrente e transversal, conectando-se a termos como “contexto”, “experiência”, “preconceito” e “enfrentar”. Esse padrão indica que a discriminação não se restringe a episódios isolados, mas permeia diferentes espaços de socialização, incluindo o ambiente escolar e universitário. Os relatos sugerem que essas experiências se iniciam, frequentemente, ainda na infância, prolongando-se ao longo da trajetória acadêmica e influenciando processos identitários, relações interpessoais e o sentimento de pertencimento. Observa-se, ainda, que a repetição dessas vivências contribui para a naturalização de práticas discriminatórias, reforçando desigualdades e produzindo efeitos cumulativos ao longo do tempo. No que se refere ao núcleo “saúde mental”, verificou-se associação com termos como

“afetar”, “emocionalmente” e “autoestima”, evidenciando que as experiências de racismo produzem repercussões significativas no bem-estar psicológico. Os discursos apontam para manifestações de sofrimento psíquico, incluindo ansiedade, tristeza, insegurança, sentimentos de inferioridade e isolamento social. Esses achados indicam que o racismo atua como um estressor crônico, cujos efeitos não se limitam ao momento da ocorrência, mas se prolongam e se acumulam, impactando de forma duradoura a saúde mental dos estudantes. Além dos núcleos centrais, destacaram-se elementos periféricos relevantes, como “família” e “amigo”, associados ao suporte social. Esses termos indicam que as redes de apoio desempenham papel fundamental na mediação das experiências de discriminação, contribuindo para processos de elaboração emocional, fortalecimento da identidade racial e desenvolvimento de estratégias de enfrentamento mais adaptativas. A presença desses elementos sugere que o enfrentamento ao racismo não ocorre de forma isolada, mas é construído em dimensões coletivas e relacionais. Em síntese, a análise de similitude revelou que as experiências de discriminação racial, vivenciadas em situações cotidianas, estão intrinsecamente articuladas a impactos na saúde mental, sendo mediadas por respostas emocionais e estratégias de enfrentamento, com destaque para o papel do suporte social. A organização discursiva evidencia, portanto, a interdependência entre vivência, significado e repercussão, permitindo uma compreensão integrada do fenômeno no contexto universitário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO:** Conclui-se que a discriminação racial no ambiente universitário se configura como uma experiência contínua e estruturante, com impactos significativos na saúde mental dos estudantes. A análise de similitude permitiu evidenciar a centralidade dessas vivências e sua articulação com o sofrimento psíquico, bem como o papel das redes de apoio no enfrentamento das situações discriminatórias. Os achados reforçam a necessidade de ações institucionais voltadas à promoção da equidade racial, ao fortalecimento do suporte psicossocial e à construção de ambientes acadêmicos mais inclusivos. Ademais, destaca-se a importância de investigações que aprofundem os efeitos cumulativos do racismo ao longo da trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS:

1. Almeida S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen; 2019.
2. Brasil. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Brasília: Presidência da República; 2012.

3. Guerra NEM, et al. O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: um estudo misto. Cien Saude Colet. 2024;29(3):1-10. 4. Oliveira VD, Mello TMVF. Racismo como determinante social da saúde mental de estudantes universitários negros. Bol Acad Paulista Psicol. 2023;43(105):1-9. 5. Paradies Y, Ben J, Denson N, Elias A, Priest N, Pieterse A, et al. Racism as a determinant of health: a systematic review and meta-analysis. Int J Equity Health. 2021;20(1):1-48.

DESCRITORES: Discriminação Racial; Saúde Mental; Estudantes.

EIXO TEMÁTICO: EIXO 3: Prática social, cuidado e impactos na saúde da população.